

# MINECRAFT™

## A MONTANHA

UMA AVENTURA MINECRAFT OFICIAL



# MAX BROOKS

AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

**O QUE SE SEGUE É BASEADO EM FACTOS REAIS.**

## INTRODUÇÃO

Se encontraste este livro, então já conheces o mundo estranho, construído em blocos que te rodeia. Se encontraste o meu primeiro livro, sabes como o conheci inicialmente. Já leste sobre como surgi no oceano, sozinho, perto de uma ilha e como aprender a sobreviver nessa ilha me ensinou coisas não só sobre este mundo, mas também sobre mim.

E se não sabias isso, agora já sabes.

Se este é o primeiro livro que encontras, não te preocupes. Vou-te informando à medida que avançamos. Tudo o que tens de saber é que esta história retoma o ponto onde ficámos na outra e, embora eu achasse, na altura, que tinha aprendido imenso, não fazia a mínima ideia de que a minha verdadeira formação estava apenas a começar.



## CAPÍTULO 1



*Frio.*

A sensação mudou tudo.

Já tinha passado cerca de um dia e meio desde que tinha deixado a minha pequena margem em blocos e não me importo de admitir que estive a segundos de voltar para trás.

Não foi a primeira vez que virei costas e corri... bem, remei. Alguns dias depois de desembarcar naquela terra nova e estranha, já tinha aprendido o suficiente sobre construção para elaborar acidentalmente um barco como aquele onde me encontro neste momento. Naquela altura eu era tão inexperiente, estava tão receoso e desgastado, e ávido por escapar, que me apressei a ir para a praia e zarpei a toda a velocidade em direção ao horizonte.

E quase me perdi no mar.

Desta vez, que me pareceu uma vida inteira depois, estava determinado a não repetir o mesmo erro impulsivo. Passei uma

semana a preparar-me para uma longa viagem. Tinha bastante comida, ferramentas, matérias-primas para construção e, mais importante, auxílios de navegação sob a forma de uma bússola e um mapa praticamente em branco. Eu digo «praticamente», porque a minha pequena ilha surgiu no canto mais a leste do mapa. E eu quero mesmo dizer «surgiu». No momento em que eu o levantei da bancada de trabalho, a sua superfície bronzeada encheu-se com uma recriação perfeita, invertida da minha ilha.

E comigo! Eu estava lá, representado por uma pequena seta branca que se virava e avançava comigo na vida real. Lembro-me de pensar: *Isto é incrível e, com a bússola, nunca me irei perder!*

Graças ao manual, que encontrei no poço da mina, aprendi a expandir o mapa rodeando a cópia original com oito ou mais peças de papel de cana-de-açúcar. Fi-lo várias vezes, até a ilha se ter reduzido a um pequeno grão castanho e verde, rodeado por um anel azul fino e depois por um espaço branco gigante. Tão pequena num mundo tão grande e por explorar. Ainda me lembro daquela mistura de emoções, o medo tingiu-se de entusiasmo. *O que haveria lá fora?*

Teria de esperar mais umas semanas antes de descobrir. Foi o tempo que demorei a escrever o meu primeiro livro, deixando-o a quem quer que fosse que me seguisse. Fiz um registo de todas as minhas aventuras e das lições que as acompanharam. Foi a última lição que me levou de volta ao mar:

*Não é na zona de conforto que vais crescer, mas sim fora dela.*  
Parecia tão fixe na altura, tão corajoso e verdadeiro.

Ressoou na minha mente enquanto me despedia dos animais meus amigos, remando para oeste, virando-me para ver ocasionalmente tudo o que conhecia a desaparecer lentamente ao longe.

Cada vez mais pequeno. Tal como no mapa. Primeiro foram as terras baixas, depois o monte, depois a minha casa no cimo do monte e, finalmente, a torre de observação em pedra que se estendia até às nuvens.

— Não é na zona de conforto que vais crescer — disse, virando as costas ao sol que agora se punha —, mas sim fora dela.

Não sei quantas vezes repeti esta frase, em voz alta e na minha mente, enquanto o sol mergulhava, o céu escurecia e a lua em quarto crescente, pálida — *com a forma da minha ilha*, pensei com uma estranha dor provocada pelas saudades de casa — se erguia atrás de mim.

Hesitação.

*Tem de haver terra por aqui algures*, disse a mim mesmo. *Mais cedo ou mais tarde, irás avistar algo ali à frente*. Não era o medo que me abrandava. Pelo menos, foi o que disse a mim mesmo. *Não queres perder algo no escuro. Uma outra ilha, baixa e sem um monte. Pode ser o início de uma cadeia maior. Se fores demasiado depressa, passas por ela*.

Foi o que pensei, analisando o horizonte, para trás e para a frente, mantendo um cuidado acrescido para não me afastar da rota. A bússola ajudou, a sua agulha de ponta vermelha apontava para trás, mesmo para o ponto de onde eu surgira originalmente. O mapa também ajudou, enchendo-se numa linha

contínua, direita e espessa, azul, enquanto eu avançava, quase como por magia. *Nada de terra*, dizia-me em silêncio, *ainda não*. Pensei em parar por completo, fazer uma pausa, esperar pela madrugada. Pelo menos nessa altura podia assegurar-me de que, na escuridão, não passava sem ver, por alguma zona de terra firme. Eu ainda não tinha a certeza absoluta de que a visão do mapa fosse igual à minha. *Se eu conseguir ver ainda um pouco mais para além do que está marcado...*

Foi então que caí do precipício!

Do mapa, quero dizer. Não do mundo.

Quando voltei a olhar para ele, apercebi-me de que remara para além da fronteira ocidental do papel. A minha seta interativa era agora um círculo estático. Quando teria isto acontecido? Há quanto tempo o consultara pela última vez? Era suposto estar a calcular a distância e o tempo, a acompanhar o onde e quando.

E se eu DE FACTO caísse do precipício do mundo? As pessoas não costumavam acreditar que o meu mundo — o meu verdadeiro ponto de origem — era plano? Não há uns totós que ainda insistem que isso é verdade, apesar de um universo de provas ter confirmado que estão errados? Mas não havia provas neste mundo, nenhuma prova de que fosse redondo. Havia aqui tantas coisas diferentes: gravidade, o funcionamento do corpo, até o tempo... cada dia tem apenas vinte minutos! Tanto quanto sabia, este oceano podia culminar numa catarata gigantesca, uma catarata que eu não conseguira ver até remar para lá dos seus limites!

*Não percas a cabeça*, pensei, *faz outro mapa...*

Mas claro, não consegui. Os mapas precisam de uma bancada de trabalho e estas precisam de terra firme. *E não teria verdadeiramente ajudado, pensei com nervosismo. O mapa só fica preenchido com os locais onde estive. Não me consegue dizer para onde vou. Não faço a mínima ideia de para onde vou!*

*Perdido outra vez!*

Não, ainda tinha a bússola. Mas aquele pequeno disco metálico quase me fez mais mal do que bem. O problema não era mecânico, mas sim psicológico, porque, quando comecei a olhar fixamente e de modo obsessivo para a agulha, quase a consegui ouvir a acenar-me para casa.

*Vamos, parecia dizer, segue-me. Já chega de desconhecido, acabaram-se as preocupações em relação ao que pode estar por aí.*

Tentei não pensar na minha ilha, na minha pequena e confortável cabana, bem como na minha cama macia e confortável.

*Segue-me, disse a bússola, e levar-te-ei diretamente de volta ao teu espaço seguro. Será tão fácil. Vamos!*

Eu sabia que o único modo de manter esses sentimentos afastados era mantendo-os bem atrás de mim. Sabia que, se parasse, voltaria para trás. E tal como a minha última lição me tinha levado a dar início a esta expedição, a minha primeira fez-me seguir em frente.

*Não pares. Desistir, nunca.*

E não desisti. Tentei manter-me concentrado no aqui e agora. Remos a salpicar, olhos a analisar.

Algo passou lançado à minha direita. Um rápido clarão de preto entre salpicos com a forma de cubos minúsculos brancos.



*Apenas uma lula*, digo a mim mesmo, tentando reconfortar-me.  
*Não existem monstros marinhos.*

*... pelo menos que eu alguma vez tenha encontrado.*

Mundo plano.

Monstros marinhos.

*Segue-me até casa*, provocava a bússola.

Enquanto a lua se punha à minha frente e os primeiros raios de sol me aqueciam as costas, não conseguia acreditar que não tinha conseguido sequer avistar um cubo de terra.

— Nada? — lancei à vasta extensão de azul. — A sério? Nada?

Não havia indícios de salvação, como aquela primeira montanha subaquática que acabou por se revelar ser a minha ilha. Nada. Os montes submersos por baixo nunca chegaram perto da superfície. Nem sequer um recife seco para poder parar e descansar.

— Continua. Nunca desistas — entoei.

Mas durante quanto tempo? Como poderia eu contrariar tanto as minhas próprias dúvidas com a bússola esquiva a virar-se contra mim?

*Talvez se eu voltasse para trás um pouco. Não completamente até casa, só retroceder o meu caminho, ver se não perdi algum ponto de terra na última noite.*

Continua.

*E o que há de errado em regressar à ilha? Descansar durante alguns dias, recomeçar noutra direção?*

Nunca desistir.

*Existem outras três direções, certo? Mais três possibilidades para encontrar alguma coisa. Isso não é desistir. Isso é recomeçar, reiniciar, re...*

*Frio.*

A sensação mudou tudo.

Ainda estava a avançar. Lentamente, mas em frente. E aquele movimento mínimo tinha sido o suficiente para me empurrar para uma bolsa de ar frio.

— Ufa — soltei, sentindo um ligeiro arrepio percorrer-me as costas.

Abrandei até parar, deixando cada canto do meu cérebro quadrado ativar-se.

Seria esta uma mudança de estação? As estações mudam neste mundo? E se este fosse o primeiro indício do outono, não estaria a vir da direção errada?

O meu rosto estava claramente mais frio do que a parte de trás do meu pescoço. Os dois lados da minha cabeça plana estavam igualmente frios. Portanto, esta nova onda de ar fresco não vinha de norte nem de sul. Vinha de oeste, diretamente à minha frente. *Como é isso possível? Não é suposto o clima arrefecer quanto mais para norte e, creio eu, mais para sul se vai?*

*Talvez no meu mundo. Mas não aqui.*

Pensei numa outra lição da ilha: *Mesmo que as regras não façam sentido para ti, continuam a fazer sentido.*

— Para oeste será — disse eu e comecei a remar lentamente para a frente. Arrastei-me para a frente uns centímetros... ou antes, uns minicubos. Não me podia dar ao luxo de deixar escapar alguma coisa, agora. Tinha de ter a certeza de que o que sentia era real.

E era.

Quanto mais para oeste eu ia, mais frio ficava o ar. Parei num determinado ponto, quando, inesperadamente, senti o meu rosto começar a aquecer.

*Será que deixei escapar alguma coisa?* perguntava-me. *Seria algum truque estranho do clima, uma bolsa de ar do Ártico?* Não. Era apenas o sol, finalmente, a nascer e a brilhar diretamente à minha frente. Quando olhei novamente para cima, consegui sentir aqueles raios quentes, anulados por uma queda generalizada na temperatura. Remei durante todo o dia. Parando apenas para um rápido almoço de batatas assadas. Pelo menos, este mundo mantinha-as eternamente quentes. Eu necessitava de toda a ajuda possível, pois quando o sol se começou a pôr, estava completa e verdadeiramente gelado.

Batia os dentes e desejei que este mundo me permitisse soprar para as mãos ou, pelo menos, esfregá-las. Já tinha passado muito tempo desde que tinha encontrado qualquer defeito no meu corpo ou roupas. A minha armadura elaborada era uma ótima proteção contra os mobs, mas neste frio tomei consciência de que os elementos pintados por baixo dela não eram mais do que decoração.

*Se ao menos tivesse trazido uma camisola,* pensei enquanto o vento arrepiava a minha pele exposta. *Se ao menos eu soubesse fazer uma.*

Era possível que tivesse os materiais para fazer roupas quentes. Trouxera lã e seda de aranha suplementares. *Talvez uma delas ou ambas combinadas...* Parei novamente, na esperança de que alguma mistura daqueles artigos pudesse criar roupa mais quente.

Grande erro. Não só não consegui elaborar nenhuma roupa de inverno, como o facto de ter parado de me mexer me privou do calor gerado pelo movimento. Também deveria estar mais preocupado com a luz do dia e não apenas com o calor do sol.

Escuridão. Cegueira. Tive de abrandar, outra vez, para ter a certeza de que não passava pelo que mais procurava.

— Não... penses no frio... — Tremia à medida que a noite parecia absorver cada fragmento de calor do meu corpo.

Os dedos ardiam, as orelhas estavam dormentes. O maxilar cerrado doía por ter os músculos apertados.

*Não penses no frio. Mantém-te concentrado. Mantém os olhos atentos em busca de...*

*Terra?*

Havia algo à frente, uma massa escura que escondia as estrelas mais baixas.

— TERRA!

Um monte, tal como na minha ilha. Não... mais montes, que se dispersavam à medida que me aproximava e com uma cobertura branca. Neve! Tinha de ser!

— Ah, sim — gritei, batendo freneticamente com os remos que segurava. — Finalmente!

Eram, decididamente, montes, tantos que se estendiam de um extremo do horizonte até ao outro. Não eram um tom branco puro, mas estavam misturados com linhas de cubos escuros.

*Será aquilo uma árvore?*

Consegui ver uma, depois várias, pouco dispersas contra uma praia plana e pálida.

— Sim — sibilei — ESTÃO ali árvores! Isto É areia!  
Consegui! Estou salvo! Estou...

Não estava atento ao que estava mesmo à minha frente. Os meus olhos estavam tão concentrados nos montes e nas árvores que não reparei na mudança de cor da água. Não reparei na camada espessa azul-clara que se estendia a partir da costa.

ZÁS!

Choquei contra qualquer coisa suficientemente dura para fazer um buraco no meu barco. Caí à água, afundando-me.

*Congelando!*

Deves conhecer essa sensação. Aquele primeiro milissegundo quando mergulhas no oceano, ou num lago, ou numa piscina que pensavas que era aquecida e te apercebes, demasiado tarde, de que não é? Esse era eu, preso num choque agitado.

Contorci-me por um segundo, soltando uma enorme bolha de «Gruuu...» ao sair disparado para a superfície.

E bati com a cabeça!

A água azul-clara era dura.

Gelo!

Em pânico comecei a bater! Abria fissuras com a forma de minicubos que se fechavam a cada pancada.

Onde era o limite?!

Olhava à volta freneticamente no escuro. Para este lado e para aquele, a nadar como um peixe preso. Com os pulmões a arder. Bolhas de ar a escaparem da minha boca.

Não conseguia acreditar. Estava a afogar-me novamente. Estava a arranhar para tentar chegar à superfície.

As estrelas em cima. O meu rosto pressionado contra o gelo.  
Ar...

Não consigo chegar!

CRACK! O primeiro estalo enquanto o último fôlego dos meus pulmões desaparecia.

A dor, límpida e cruel. E com ela, claridade.

*O pânico afoga o raciocínio.*

CRACK! Restavam segundos. Mas segundos utilizados, não desperdiçados.

A ponta em aço da picareta no meu cinto. Agora nas minhas mãos.

CRACK!

A atacar o gelo com a ponta. O gelo a ceder.

Crack! Clique!

Emergir numa explosão ascendente, para a superfície dura e escorregadia.

— Uuuuhhhhh — Um respirar fundo animalesco.

Por momentos, fiquei apenas ali, porque este mundo não me deixava deitar. A tremer de dor, demasiado confuso para ver corretamente sequer.

Hipercura. Nunca a tenho como certa. Enquanto os meus pulmões recuperavam e as células do meu cérebro, famintas de oxigénio, se reiniciavam, senti a dor dar lugar à fome.

E graças a este mundo, a comida na minha mochila estava, tal como eu, seca instantaneamente! Pão cozido. Ainda morno, mas não quente. Não o suficiente para afastar o frio.

Qual é o termo quando se está com demasiado frio e se começa a ficar mole? Hipotermo? Hipo... qualquer coisa?

Já estava a acontecer? Qual era a sensação de morrer de frio? Pensei que me lembrava, vagamente, que se ficava com uma sensação de calor mesmo perto do fim.

*O que significa que eu ainda devo estar bem, pensei, a tremer violentamente entre dentadas no pão. Se estou a entrar em hipotermia, creio que ainda não esteja na reta final.*

*Mas e em relação a adoecer?!*

Tens frio, depois constipas-te! Não era o inverno a altura em que todas as pessoas apanhavam alguma coisa? Não gritavam os pais aos seus filhos para que se agasalhassem bem antes de irem brincar para a neve? O que podia eu apanhar? Que doenças existiam neste mundo?

Não havia nada na minha ilha, mas esta era uma massa de terra nova! Não tinha isto acontecido no meu mundo? Não tinham os exploradores partido para descobrirem novas terras só para encontrarem novas doenças? Não tinham alguns desses exploradores eliminado civilizações inteiras devido às doenças que levavam consigo? O que significaria isso para mim? E se houvesse novas doenças a arrastar-se por esta terra nova e o meu corpo estivesse demasiado frio e fraco para lutar contra elas? E se elas fossem semelhantes a ser-se envenenado por uma aranha ou por uma bruxa, ou até a uma diarreia terrível como a que apanhei por comer frango cru daquela vez...

— Mantém-te concentrado — digo firmemente para mim mesmo, engolindo rapidamente o meu último combustível de hipercura. — Mantém-te calmo.

Respirei um pouco, obrigando-me a relaxar para parar de rodopiar.

— O pânico afoga o r-r-raciocínio — tagarelei, mexendo o meu corpo bem para animar a circulação sanguínea. Resultou, um pouco. Devo ter estado a gerar calor suficiente para sentir a dor nos dedos dos pés. — É isso — disse eu entre respiração funda e calma —, continua a mexer-te. Mais alguns saltos, uma corrida rápida num pequeno círculo e consegui sentir, inclusive, a ponta do nariz.

*Acalma-te.* Respirava lentamente, sentindo o meu corpo e a minha mente a libertarem a tensão que estava a acumular com a minha racionalidade em pânico.

Com a calma veio a clareza e com a clareza veio o método para, calmamente, conceber os meus próximos passos, algo a que chamei «O Caminho do Cubo»: planear, preparar, priorizar, praticar, com paciência e perseverança.

*Estabelecer as prioridades. Necessito de abrigo! Para ter calor e, se as noites aqui forem parecidas com as noites na minha ilha, para fugir de...*

— Guuugh.

Oiço um gorgolejar familiar ao longe.

*Oh, não!*



## CAPÍTULO 2

Eu conhecia aquele som, aquele rosnar borbulhante, sombrio. Virei-me para a esquerda, olhei para a praia, em baixo. Ali estava, negro contra a neve, a agachar-se lentamente no gelo.

— Guuugh!

— Que belo comitê de boas-vindas — resmunguei e levei a mão à espada e ao escudo.

— Guuugh. — Os braços no ar, o rosto sem vida.

*Esperemos que estes zombies não sejam mais duros do que os da ilha.*

Não eram. Pelo menos este não era. Um movimento cintilante da minha lâmina de diamante atirou-o a deslizar sobre as águas geladas.

— Cá vamos nós — disse e investi para um segundo golpe.

Não me quero gabar, mas... bem, se calhar até quero, só um bocadinho. Mas caso não tenhas encontrado o meu primeiro

livro, na ilha, ficas a saber que combati um número suficiente destes sacos de carne irracionais para me assegurar de que Frosty, o *Morto*, não me tocava sequer com um dos seus dedos malcheirosos. Alguns cortes, um último golpe, depois *TCHARAN*, já me erguia sobre um pedaço putrefacto de carne.

*E pensar*, matutei, pegando no pedaço de carne, *que tempos houve em que tinha tanta fome que vivi, de facto, disto.*

— É só isso? — gritei para os montes brancos. — É tudo o que tens?

TRÁS!

A seta acertou-me mesmo entre as omoplatas e fez-me cair para a frente na praia coberta de neve.

CLIQUE.

CLIQUE-CLIQUE!

Virei-me mesmo a tempo de levar com outra seta, precisamente na testa do meu elmo feito de diamante. O seu dono, um esqueleto, estava a preparar o disparo seguinte quando ergui o meu escudo para o bloquear.

*Não há azar*, pensei, calculando quantos disparos teria de desviar até me aproximar o suficiente para atacar.

Depois, TRÁS! Mais uma seta, esta no meu ombro direito.

Um segundo esqueleto — não, mais dois — um bocadinho mais ao fundo da praia.

Depois...

— Guuuggghhh...

— Ssssp!

CLIQUE, CLIQUE, CLIQUE...

Rodei a cabeça num círculo veloz, assimilando toda a cena.

Estavam à minha volta, por todos os lados. Zombies, esqueletos, e aquelas aranhas absolutamente aterrorizantes, de olhos carmesim que cintilam na noite.

Como pude ser tão descuidado, tão arrogante? Os mobs erguiam-se dos solos negros e ali havia mais solo do que eu alguma vez vira!

Como é que o pude esquecer tão depressa?!

*O excesso de autoconfiança pode ser tão perigoso como confiança nenhuma.*

CLIQUE.

— Ssssp.

— Guuugh.

*FOGE!*

Dirigi-me à única abertura que pude, uma estreita passagem entre dois zombies que se aproximavam.

Para o interior, em direção aos montes.

ZÁS! Uma seta passou pelo meu ouvido.

*Ziguezagueia!*, gritava a minha mente por entre um nevoeiro de medo.

Lancei dardos para trás e para a frente, pratiquei o que me tinha salvo tantas vezes antes.

— Guuugh! — Uma mão apodrecida tentou agarrar-me. *Esquiva-te!* Não havia tempo para ripostar. *Vai, vai, vai!*

Tentei alcançar o monte mais baixo à minha frente, com a encosta mais acessível. Talvez conseguisse encontrar uma gruta, ou mesmo só um buraco cuja entrada conseguisse bloquear depois de passar.

Para cima! Por cima da terra e da rocha.

TRÁS! Uma seta profundamente enterrada no bloco de pedra ao lado da minha cabeça.

Tornava-se mais difícil esquivar e trepar.

Uma mão zombie tentava alcançar o meu pé.

Mais alto! Quase lá.

O silvo de uma aranha, mesmo atrás de mim.

O cume!

Cheguei ao topo, analisei a paisagem à minha frente...

... e descobri o verdadeiro significado de ironia.

Há muito tempo, quando trepei pela primeira vez o monte raquítico naquela ilha estranha, inclinada, tudo o que queria ver era mais terra. Esperara, rezara, que tivesse alcançado a ponta de um continente e não um grão de pó rodeado pelo mar. E agora, eis que o meu desejo se tornava realidade.

A tundra gelada estendia-se até onde a minha vista alcançava. Um deserto branco infundável, quebrado apenas pela árvore ocasional ou pedra exposta, ou por formas deambulantes, transformas que não podiam ser outra coisa senão mobs!

Demasiada terra. Demasiadas ameaças.

O que fazer, para onde ir...

Uma luz!

Muito ao longe. Límpida e luminosa. Não era uma estrela. Parecia avermelhada, cor de laranja. Talvez de uma casa?

Espera! Talvez possam existir outras pessoas?!

— Guuugh!

Sem outra opção, lancei-me pela encosta ocidental, tentando não escorregar. Não podia correr o risco de torcer um tornozelo, mesmo com a minha hipercura. Não tinha tempo

para comer. Conseguia ver os mobs a convergir vindos de todos os lados. Aranhas velozes, zombies incansáveis, o eterno matraquear dos arqueiros de osso.

E depois...

Nunca tinha visto nenhum até àquele momento, mas isso não era desculpa para não estar à espera dele.

Sssss...

Uma luz avistada pelo canto do olho: um creeper prestes a explodir. Saltei e fui atingido pela explosão em pleno ar.

Disparado como uma bola de canhão, aterrei com força numa valeta pouco funda. Tornozelos doridos, ouvidos a zumbir, todo o lado direito da minha cara parecia ter sido beijado por uma fornalha.

*Continua! Tens de chegar à luz!*

Mas onde estava? Virado pela explosão e sem a vantagem de um ponto elevado, tinha perdido o seu rasto.

*Usa a cabeça! Gritei na minha cabeça. Não entres em pânico.*

Rodei devagar, enquanto tentava encontrar o monte. Estava mesmo atrás de mim, o que significava que a luz estava mesmo à minha frente.

Arranquei a coxear e a hipercura depressa me permitiu avançar para um trote vacilante.

Ali estava outra vez! Mais perto! A crescer a cada passo que dava em frente.

Uma seta passou a pouco mais do que um minicubo da minha cara. Um outro esqueleto que saiu a matraquear de trás de uma árvore solitária.

*Continua!*

Fui-me esquivando das setas, atento aos creepers.

Inimigos por todos os lados, até no chão! Sim, no chão. Para um lado e para o outro no terreno irregular. Valetas e outeiros, e agora um rio! Mesmo à minha frente, no fundo de uma ravina.

Trás! Atingido no fundo das costas, caí aos rebolões para o gelo lá em baixo.

Dor, fome. A hipercura gasta. Levantei-me, pronto para continuar a correr, depois deslizei e parei, quando a neve por baixo de mim se moveu.

O animal era grande, branco, e movia-se lentamente sobre as quatro patas. A princípio, pensei que poderia ser... o quê... uma vaca do Ártico? Não, demasiado grande, e depois havia as orelhas pequenas, o nariz preto e o longo focinho, semelhante ao de um cão...

Um urso-polar! Só podia ser. Não tinha lido sobre eles naquele livro sobre a vida selvagem que tinha encontrado? Não me conseguia lembrar. Provavelmente não. Provavelmente saltei essa secção presumindo que nunca me cruzaria com nenhum.

*Nunca presumir nada!*

E não havia tempo para ler o livro, mesmo que o tivesse agora, em vez de o ter deixado na ilha para que pudesse ser usado por outros náufragos que aqui encalhassem! Se este carnívoro fosse tão feroz como as versões mais curvas do meu mundo...

O urso virou o focinho e os olhos negros na minha direção. Mudei de espada para arco.

Talvez um disparo de sorte, talvez dois...

Puxei a seta na minha direção. Os nossos olhos cruzaram-se. Olhos de mamífero, como os dos animais que se tinham tornado meus amigos na ilha. A vaca e a ovelha. O calor e o sentimento.

*Não é por não se parecer contigo que vai ser teu inimigo.*

O urso não se moveu.

Puxei pelo arco.

— Está bem — disse num sussurro —, não te quero matar e não quero ser morto, de todo...mas se deres um passo, por pequeno que seja, para mais perto...

ZÁS!

Uma seta cortou a noite gelada e foi enterrar-se na enorme massa do urso.

Não foi a minha seta! Eu já tinha baixado o arco. O disparo viera de trás de mim, do esqueleto que me seguia.

— Rrrruuu! — O gigante da cor da neve ficou vermelho, virou-se para mim e atacou a uma velocidade chocante.

— Uou, uou, uou! — gritei e larguei o arco que deslizou de lado. — Não fui eu! Eu não...

Mas ele já tinha passado, atingido por uma outra seta quando se ergueu sobre as patas traseiras e se deixou abater sobre o esqueleto condenado.

— Uou — sussurrei, observando espantado enquanto a força bruta daquele predador ártico pulverizava por completo o seu atormentador.

*Podia ter sido eu...*

Enquanto o esqueleto desaparecia numa nuvem de pó, o urso virava-se de novo para mim.

— Então — disse eu, enquanto agarrava no meu arco.  
— Estamos bem, certo? Só lutas para te defender? Pareces bastante neutro, e uma vdez que não basta o contacto visual para atacares, como aqueles endermen horripilantes, aposto que nos poderemos entender muito bem. De facto... — Comecei à procura de comida na minha mochila. *Será que os ursos comem vegetais e cereais?*

— Tens fome? — perguntei. — Será que a comida te ajudará a sarar? — Troco o arco por uma cenoura. — Lamento não ter carne ou peixe comigo, mas... — Dou um passo em frente, estendendo-lhe a minha oferta de paz. — Será que isto serve?

*Talvez possamos ser amigos, pensei, tal como a Muu na minha ilha. Isso era mesmo fixe! Com este malandro como meu companheiro de viagem, seríamos uma força difícil d...*

TRÁS.

TRÁS.

Duas setas bateram no gelo entre nós.

— Talvez mais tarde — gritei por cima do ombro, enquanto largava a correr. Outros dois esqueletos aproximavam-se a matraquear, vindos do cimo da ravina. Ao subir apressadamente pelo outro lado, reparei que uma aranha, três zombies e um creeper, silencioso e deslizante, seguiam também no meu encalço.

Não podia contar com mais um salvamento do urso. Calculei que a seta me tinha sido destinada. Não tinha outra escolha se não fugir, correr para a luz e esperar que nela encontrasse a minha salvação.



A maioria dos mobs desistiu da perseguição ao fim de algum tempo e os zombies não me conseguiriam alcançar se eu continuasse a correr.

Uma seta passou a silvar pelo meu rosto, fazendo-me virar a cabeça.

Outro esqueleto, à minha esquerda.

Mas seria um esqueleto?

Roupas. Ou melhor, farrapos cinzentos pendiam da sua forma de ébano. Tal como no caso do urso-polar, isto era algo novo e inesperado.

Como a seta que atingiu o calcanhar do meu pé esquerdo.

— Maaaaaas queeeeeee...

O meu discurso tornou-se mais arrastado, os meus músculos ficaram presos. Quando estava na ilha, uma bruxa salpicara-me com uma poção de lentidão. Esta seta parecia ter feito exatamente a mesma coisa.

— Oo-ooohhhh, vaaaaá laaaaá! — A minha voz arrastava-se, enquanto eu tentava esquivar-me e mais setas se espetavam na anca e no braço.

A voz arrastada, o corpo lento.

Apesar disso, conseguia ouvir os zombies que se aproximavam, a reduzir cada vez mais a distância, ajudados por aquele novo esqueleto andrajoso. Um esforço de equipa, ou apenas um grande, grande azar?

Outra seta lenta silvou ao passar por mim e enterrou-se na neve, bolhas cinzentas erguiam-se do seu cabo emplumado.

*Continua a esquivar-te, continua a avançar, mantém os olhos fixos na luz crescente!*

Tão perto! Como uma muralha laranja, com o topo muito mais alto do que qualquer monte.

*Um conjunto de tochas? Perguntei-me. Talvez um castelo?* Neste mundo de armaduras e espadas, porque não?! Um castelo com outras pessoas como eu! Com armas e armaduras e prontas a defender-me de qualquer coisa que este continente frio e escuro possa lançar contra mim.

*Tem de ser!* Pensei, e senti a esperança a crescer dentro de mim. *Quase l...*

Lava.

Agora estava perto. Perto o suficiente para perceber que a parede brilhante não passava de um rio de rocha derretida.

Tinha corrido até ali, sido atingindo e agredido, e eis que me deparo com a versão deste mundo de um vulcão.

Olhei de novo para os mobs que se aproximavam.

— Não, não, não — suspirei —, que mais poderá correr m...

Caí!

Mesmo através da neve.

Até um lago meio congelado no fundo de um buraco negro coberto de neve.

— Argh! — gemo, vendo que não tenho como subir. Está demasiado escuro para ver. Apalpo o meu cinto em busca de uma tocha, estava prestes a encostá-la à parede quando ouvi os gemidos e silvos dos mobs que se aproximam, por cima de mim.

**ESCAVA!**

Não foi um pensamento consciente, apenas puro instinto.

Quantas vezes no passado tinham as covas salvado a minha vida? Naquela primeira batalha na primeira ilha zombie, e naquela

última e derradeira vez em que tinha ficado encurralado e quase morto na mina abandonada.

*Escava, escava, escava!*

Brandi a pá, contra a terra dura, fria.

Descer! Escavei degraus, diagonalmente mais fundos.

Fui-os bloqueando atrás de mim. Seguro!

Pousei uma tocha no degrau mais alto, depois virei-me para a parede de terra.

— Nada mau — disse em voz alta, ao mesmo tempo que a minha respiração abrandava e o meu pensamento acelerava.

— Era isto que ia fazer originalmente, certo? Na praia. Escavar um abrigo, dormir até de madrugada. Sem problemas.

Depois de um lanche rejuvenescedor de cenouras e pão, comecei a abrir um pequeno quarto de três por três com altura suficiente para ficar de pé.

— Muito bem — disse, estendendo a cama. — De manhã, os mobs terão desaparecido e poderei ver melhor onde estou.

Deslizando para baixo do fino lençol vermelho, bocejei.

— E dormir é mesmo aquilo de que preciso neste momento. Descansar o meu corpo, descansar o meu cérebro. — Senti os meus olhos fecharem-se lentamente. — Seria simpático conseguir, por fim, dormir um pouco.

Mas não o fiz.

— Guuugh. — O zombie gemeu através da terra. Estava mesmo por cima de mim, a poucos blocos de distância, e estavam a aparecer mais mobs. Não sabia se eram os que me tinham seguido ou se seriam novos nascimentos. Mas parecia uma festa dos diabos lá em cima. Matraquear e silvar e, tenho

a certeza, deslizar silenciosamente como faziam aqueles creepers explosivos.

*Será que podem explodir sem nos ver?* Perguntei-me. *Se há aqui tipos de esqueletos diferentes, também pode haver uma espécie diferente de creeper.*

— Sssp. — Saltei perante o silvo da aranha, imaginando aqueles sensores de alvo vermelho a olhar para mim através da terra.  
*Acalma-te. Pensa!*

*Se quisessem apanhar-me, já o teriam feito.*

Mais gemidos, mais silvos.

Eu sabia que não conseguiam chegar até mim, mas repeti «Não me conseguem apanhar!» em voz alta para o teto de terra.

— Guuugh — gemeu um zombie, como se dissesse «Talvez não, mas podemos manter-te acordado a noite toda.»

— Isso é o que TU pensas! — vociferei-lhe. Saltando da cama, voltei a enfiá-la na minha mochila, depois comecei a cavar o chão de terra. — Mais fundo! — gritei aos monstros por cima de mim. — Só um bocadinho mais fundo e em segurança, para que não possam meter-se na minha cabeça!

E eu sabia que estava tudo na minha cabeça. Sabia que estava a ficar louco de nervos. Mas se a solução era tão simples quanto cavar um buraco mais fundo, porque não fazê-lo, em vez de tentar acalmar-me a noite toda?

Enquanto a terra dava lugar à pedra, chilreei «Perfeito» e troquei a pá por uma picareta.

— Nem mesmo os creepers conseguem abrir caminho através de algumas camadas de rocha sólida.

Pouco tempo depois, tinha aberto um *bunker*. Usei as pedras para fechar a passagem atrás de mim, pendurei as tochas na parede, voltei a pousar a cama no chão liso e duro, e saltei para o seu interior, para uma boa noite de descanso. Mais seguro, e até mais quente, devido ao calor corporal acumulado. Uma última batata assada para compensar as calorias perdidas e agora, mental e fisicamente, não podia sentir-me mais satisfeito.

*Consegui, pensei, enroscando-me por baixo do cobertor. Cheguei a uma terra nova, escapei a um exército de monstros e, agora, estou por fim pronto para continuar a minha demanda.*

Mais um bocejo, os olhos a fechar.

*Amanhã vai ser um bom dia. Se calhar até encontro o caminho para casa...*

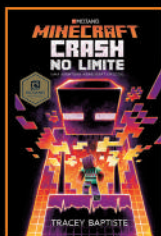
# UMA AVENTURA IMPERDÍVEL DO UNIVERSO MINECRAFT!

Perdido num mundo diferente da ilha que tinha abandonado, ele não sabe o seu nome, nem onde está, nem como poderá sobreviver. E mais importante do que tudo: não faz a mínima ideia de como voltar para casa.

Mas quando entra no mundo de Nether e luta pela sua vida contra mobs e zombies, tudo parece mudar. Afinal, já não está sozinho, e o caminho para casa pode estar mais perto do que ele pensava. Uma lição sobre amizade e sobrevivência, para explorar... bloco a bloco.




LÊ TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

10+

ISBN 9789895649839



9 789895 649839 >